



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

A imagem narcísica especular nas redes sociais digitais: um estudo de caso¹

Maycon Rodrigo da Silveira Torres

Orcid: [0000-0001-9479-7521](https://orcid.org/0000-0001-9479-7521)

Doutor em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense / UFF (Niterói, Brasil)
Professor Adjunto de Psicologia Clínica e Saúde Mental na Universidade Federal Fluminense / UFF (Niterói, Brasil)
Membro do Laboratório de Psicanálise e Laço Social da Universidade Federal Fluminense / LAPSO-UFF (Niterói, Brasil)

Orientador do Projeto de Ensino de Iniciação à Escrita Científica pela Universidade Federal Fluminense / UFF (Niterói, Brasil)

Email: mrstorres@id.uff.br

Daniel Oliveira de Farias

Orcid: [0009-0003-5100-0043](https://orcid.org/0009-0003-5100-0043)

Graduando em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense / UFF (Niterói, Brasil)
Discente participante do Projeto de Ensino de Iniciação à Escrita Científica pela Universidade Federal Fluminense / UFF (Niterói, Brasil)

Email: danieloliveirasfarias@id.uff.br

Matheus de Souza Silva

Orcid: [0009-0000-6293-7550](https://orcid.org/0009-0000-6293-7550)

Graduando em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense / UFF (Niterói, Brasil)
Discente participante do Projeto de Ensino de Iniciação à Escrita Científica pela Universidade Federal Fluminense / UFF (Niterói, Brasil)

Email: matheussouzasilva@id.uff.br

Resumo: Este artigo investiga o impacto das redes sociais na construção da imagem narcísica, questionando a influência da política de imagem destas redes a partir da leitura do estágio do espelho. Observa-se que plataformas digitais impõem exigências aos usuários que influenciam sua relação com o outro e sua posição subjetiva perante o Outro. Nota-se uma tentativa de reduzir o Outro enquanto alteridade ao outro da imagem especular e as falhas no reconhecimento imaginário geram fenômenos de desorganização, independentemente da estrutura clínica. A discussão se apoia nas alterações apresentadas por uma *digital influencer* quando confinada em um programa de *reality show*.

Palavras-chave: Imaginário; Narcisismo; Redes sociais; Estádio do espelho.

L'image spéculaire narcissique dans les réseaux sociaux numériques: une étude de cas: Cet article examine l'impact des réseaux sociaux sur la construction de l'image narcissique, en questionnant l'influence de la politique d'image de ces réseaux à partir de la lecture du stade du miroir. On observe que les plateformes numériques imposent des exigences aux utilisateurs qui influencent leur relation à l'autre et leur position subjective face à l'Autre. On note une tentative de réduire l'Autre, en tant qu'altérité, à l'autre de l'image spéculaire, et les échecs de la reconnaissance imaginaire génèrent des phénomènes de désorganisation, indépendamment de la structure clinique. La discussion s'appuie sur les altérations présentées par une influenceuse numérique lors de son confinement dans une émission de télé-réalité.

Mots clés: Imaginaire; Narcissisme; Réseaux sociaux; Stade du miroir.

The narcissistic mirror image on digital social networks: a case study: This article investigates the impact of social networks on the construction of the narcissistic image, examining the influence of these networks' image politics through the lens of the mirror stage. Digital platforms are observed to impose demands on users, affecting their relationship with the other and their subjective position before the Other. It is noted that there is an attempt to reduce the Other, in its alterity, to the other of the specular image, and that failures in imaginary recognition engender phenomena of disorganization, irrespective of clinical structure. The discussion draws upon the alterations presented by a digital influencer during confinement in a reality show program.

Keywords: Imaginary; Narcissism; Social Networks; Mirror Stage.

A imagem narcísica especular nas redes sociais digitais: um estudo de caso

Maycon Rodrigo da Silveira Torres, Daniel Oliveira de Farias & Matheus de Souza Silva

Introdução

As plataformas de mídia social têm experimentado um crescimento exponencial e acelerado (devido a diversas razões) e, apesar de serem um meio relativamente novo, desempenham um papel importante no cotidiano das pessoas, através do compartilhamento excessivo, intenso e ininterrupto de experiências e informações. Dados do *Relatório de Visão Geral Global Digital* (We Are Social e HootSuite, 2022) mostram um aumento de aproximadamente 57% na quantidade de horas gastas em redes sociais entre 2013 e 2021 por usuários de 16 a 64 anos, o que corresponde a 2h e 27 min por dia em 2021. A pesquisa da *Office of Communications* (Ofcom, 2023) revela a presença precoce das redes sociais na vida das pessoas, com 64% das crianças e adolescentes de 3 a 17 anos possuindo perfis em redes sociais, e 14% das crianças de 5 a 7 anos usando o Instagram. Diante da excessiva e precoce exposição dos sujeitos a essas tecnologias, que operam em uma lógica de reconhecimento apoiada nos binômios “exibicionismo/voyeurismo” e “like/deslike”, torna-se necessário compreender sua influência na construção da imagem narcísica especular dos sujeitos.

De acordo com Pereira e Tokuda (2017), as redes sociais são sistemas que integram grupos de pessoas com gostos e interesses semelhantes, com o objetivo de estabelecerem vínculos afetivos. Contudo, essa definição não nos faz desconfiar, a princípio, dos prejuízos que as redes sociais podem implicar no desenvolvimento daquilo que, na psicanálise, se entende como autoimagem. Ao exibir-se em uma rede social, por exemplo, os usuários detêm a possibilidade de criar a forma sob a qual eles se apresentam, ou seja, todo usuário é capaz de efetuar uma espécie de montagem, de estetização de seu Eu dentro do ciberespaço das redes. Essa montagem costuma se fazer na direção de uma maior adequação a certos modelos e padrões que se retroalimentam, seja no que diz respeito à aparência física ou até mesmo ao modo de vida.

Quando se traz à baila a temática das redes sociais, na medida em que possibilitam uma exacerbação do imaginário referente à imagem de si, não se pode esquecer que na constituição subjetiva a relação do sujeito com a sua imagem especular está posicionada bem no centro da experiência humana (Lacan, 1949/1998a). É importante salientar que a referência aqui à imagem especular não se refere unicamente ao objeto de superfície lisa capaz de refletir, a partir da incidência da luz, pessoas e objetos. Refere-se a tudo aquilo que pode devolver ao Eu a sua própria imagem.

Freud (1914/2010c), em seu texto intitulado *Narcisismo: uma introdução*, postula um enunciado de caráter revolucionário do ponto de vista ontológico: “uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido” (p. 13). O processo de formação do Eu é composto por precipitados de identificações primárias e secundárias que formam, pouco a pouco, nos sujeitos, a unidade egóica. Em *O Ego e o Id*, Freud (1923/2006c) afirma que “O

ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície.” (p. 40). O que no autoerotismo é vivenciado como uma profusão de pulsões desorganizadas, no narcisismo, ganha algum contorno. Curioso notar como Freud definiu a consciência como a “a superfície do aparelho mental” (p. 33), o que nos permite pensar a aproximação entre formação do Eu e o reconhecimento de si por meio de uma auto-imagem.

Lacan compreende a gênese do Eu a partir daquilo que ele conceituou como *Estádio do espelho* (1949/1998a). Segundo o psicanalista francês, frente à insuficiência natural característica dos seres falantes no início da vida, o estágio do espelho se caracteriza pela antecipação do reconhecimento de si a partir da alienação da criança à imagem do outro, seu semelhante. Este processo é marcado por uma “assunção jubilatória” de sua imagem especular que opera como matriz simbólica que possibilitará a inserção na linguagem e o advento de sua função enquanto sujeito. Deste modo, o plano especular é estruturalmente dependente do muro da linguagem, ou seja, da nomeação proveniente do Outro. O estágio do espelho marca um momento estrutural da constituição subjetiva que Freud conceituou a partir do narcisismo.

Este artigo parte da seguinte pergunta-problema: como as redes sociais e sua específica política de imagem influenciam a construção da imagem narcísica especular na contemporaneidade? Para tentar respondê-la, foi estabelecido como objeto avaliar os efeitos das redes sociais no processo de construção da imagem narcísica especular. Além disso, pretende-se, aqui, expor a fragilidade dessa construção imaginária adquirida através da dinâmica do ciberespaço das redes estabelecendo uma conexão entre o quadro psicótico temporário desenvolvido por Vanessa Lopes, uma famosa *influencer* das redes que fez uma participação marcante no *Big Brother Brasil* (BBB) 2024, o mais popular *reality show* da televisão brasileira.

Propõe-se recortar este caso ocorrido durante o programa televisivo para discutir o trabalho de exposição da própria imagem nas redes sociais que ela realizava antes de entrar no *reality show*. Durante sua estadia na casa, Vanessa teria manifestado comportamentos que chamaram a atenção dos demais participantes do programa e dos telespectadores quando, após 12 dias no programa, ela optou por desistir de sua participação. Em entrevista ao programa de televisão *Fantástico* (G1, 2024), o psiquiatra de Vanessa diagnosticou seus comportamentos paranoides como decorrentes de um “quadro psicótico agudo”.

Os recursos metodológicos incluíram uma revisão bibliográfica para estabelecer a psicanálise em extensão nas redes sociais e a análise do caso da *influencer* Vanessa Lopes. Sustenta-se como hipótese a ideia das redes sociais como campo de registro de discursos dos sujeitos. Apoiando-se na netnografia, isto é, um método derivado da etnografia da Antropologia, estabelece-se um tipo de pesquisa observacional que usa comunicações e discursos mediados por computadores e outros aparelhos eletrônicos conectados à rede mundial de computadores para “chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal”

(Kozinets, 2014, p. 62). Orientados pela psicanálise, entende-se o conteúdo disponível na internet como material cultural que caracteriza um tipo de mentalidade que pode servir de apoio à discussão clínica, conforme Freud (1901/2006a) propõe especialmente no texto *Psicopatologia da vida cotidiana*.

A formação do Eu

No texto *Narcisismo: uma introdução* (1914/2010c), Freud enuncia que o Eu não existe desde o começo no indivíduo, mas que ele precisa, sim, ser desenvolvido. A fase do narcisismo, então, seria decorrente de uma nova ação psíquica acrescentada ao autoerotismo infantil, por sua vez caracterizado pela desorganização pulsional e corporal. No texto sobre Schreber (Freud, 1911/2010a) encontramos a definição propriamente dita de narcisismo como sendo uma etapa no processo de organização da libido caracterizado pela unificação das pulsões autoeróticas que, então, passam a tomar o Eu como objeto privilegiado de investimento pulsional. Ou seja, o essencial do narcisismo primário é a unificação do investimento pulsional numa única entidade – o Eu –, que então se identifica com a imagem unificada (Freud, 1914/2010c).

Anteriormente a este tempo do desenvolvimento psíquico, a criança atravessa a fase do autoerotismo, que é quando a sua satisfação pulsional se realiza por meio de estímulos a zonas erógenas espalhadas por regiões do corpo, em especial os orifícios como, por exemplo, a mucosa da boca ou do ânus. A fase autoerótica e seu circuito pulsional fragmentado, entretanto, não são capazes de oferecer ao bebê o aparato psíquico necessário para lidar com as exigências do ambiente. Há um predomínio dos processos do Princípio do Prazer em que há uma exigência de satisfação das pulsões independentemente da realidade (Freud, 1911/2010b).

Nesta fase ainda muito rudimentar do desenvolvimento, o bebê não é capaz de diferenciar-se do outro, dos objetos do mundo externo. Desse modo, para que a noção de unidade – ou seja, o Eu – possa advir, é preciso modificar os caminhos pelos quais a pulsão autoerótica alcança satisfação. Tal modificação consiste no que Freud nomeia como nova ação psíquica, que corresponde ao início do narcisismo primário. É preciso que no processo de desenvolvimento do Eu, a criança seja posicionada em algum lugar simbólico dentro do campo de desejo dos pais, pois a criança é, antes de tudo, um lugar no Outro (Flesler, 2011).

A direção do desenvolvimento do Eu se dará em um afastamento do narcisismo primário e dará margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do Eu imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal. O Princípio de Realidade se impõe pela necessidade de mediação entre o empuxo de satisfação das pulsões e as restrições do mundo externo, o que leva ao adiamento ou à modificação da satisfação (Freud, 1914/2010c, p. 117).

No texto intitulado *O estádio do espelho como formador da função do eu* (1949/1998a), Lacan busca elucidar o narcisismo primário freudiano. O estádio do espelho representa uma fase

crucial do desenvolvimento infantil, sendo o momento em que a criança começa a constituir seu senso de identidade com base nas relações que ela estabelece com seus semelhantes e com sua própria imagem. É um tempo de unificação corporal, o qual a criança atravessa na busca de se enxergar como uma Gestalt, uma imagem total.

[...] a forma total do corpo pela qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua potência só lhe é dada como *Gestalt*, isto é, numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constitutiva do que constituída, mas em que, acima de tudo, ela aparece num relevo de estatura que a fixa e numa simetria que a inverte, em oposição à turbulência de movimentos com que ele experimenta animá-la (Lacan, 1949/1998a, p. 98).

O estágio do espelho pode ser dividido em três momentos. Um primeiro tempo, no qual a criança não é capaz de reconhecer o seu reflexo no espelho, há um estranhamento de sua própria imagem que deriva de uma relação de não separação com a mãe. Neste tempo ainda existe uma confusão entre Eu e o ambiente. O segundo tempo é caracterizado por uma certa transitoriedade, um momento de passagem do não reconhecimento para o reconhecimento impreciso da instância egóica – é o começo de um desligamento da relação simbiótica com a figura de cuidado da criança. E, por fim, o terceiro tempo se caracteriza pela assunção jubilatória da imagem especular (Lacan, 1949/1998a), o júbilo proveniente, justamente, do reconhecimento da imagem especular. É o ápice identificatório que representa o momento da entrada do sujeito no campo linguístico. O estágio do espelho permite, desse modo, a partir de uma confrontação da própria imagem, podendo ser ela especular efetivamente ou a que é devolvida por pessoas da rede de convivência do sujeito, uma identificação com algo que é externo, com esse outro do espelho.

É possível pensar o estágio do espelho como sendo “um momento de insight configurador” – termo inglês que significa “tomada de consciência, esclarecimento” – é o ponto de vista do Eu (Quinet, 2012). A partir do vislumbamento da própria imagem no espelho é que a criança começa a obter suas primeiras noções de espaço e de exterioridade – a imagem de totalidade do corpo é algo a ser conquistado, mas que nunca será plenamente atingido. Lacan (1954-1955/1987) aponta que antes da experiência do espelho, o sujeito encontra-se em um estado de descoordenação motora e dependência, incapaz de mover-se de forma autônoma. Nesse momento, ele é dominado pela imagem do outro, que não enxerga, mas o conduz. A identificação com a própria unidade ocorre por meio da fascinação e da imobilidade fundamentais, como uma resposta ao olhar ao qual está preso – um olhar que, paradoxalmente, é cego. “Esta unidade é aquilo em que o sujeito se conhece pela primeira vez como unidade, porém, como unidade alienada, virtual.” (Lacan, 1954-1955/1987, p. 69).

Diante do espelho, a criança convoca o olhar do Outro para a ratificação da imagem especular, inaugurando o eixo da relação $i(a)$, em que o Eu se constitui como totalidade pela

identificação à imagem deste a como um pequeno outro (*autre*). O outro seria a alteridade especular que representaria também um semelhante. E na medida em que é semelhante, o Eu o entende ambigualmente como ameaçador, como alguém que pode lhe tomar o lugar de reconhecimento e, portanto, com quem se estabelece uma relação de agressividade, rivalidade. Nesse processo, como Lacan (1954-1955/1987) aponta no esquema L, o eixo imaginário a-a' expressa uma unificação sem a diferenciação entre o Eu e o outro, o que evidencia como a imagem especular é crucial na formação do Eu, ao mesmo tempo em que instaura uma relação de tensão com o semelhante. "Esta rivalidade constitutiva do conhecimento em estado puro é, evidentemente, uma etapa virtual" (p. 71).

O que a experiência clínica mostrou a Lacan (1954-1955/1987) é a relação entre o Eu e o outro exige a mediação de um terceiro, manifesto pela fala e que pode ser lido como o próprio inconsciente. Lacan desenvolveu então o conceito de *Autre* (grande Outro, grafado com A maiúsculo) que vai representar "esse lugar simbólico que encarna os sistemas da linguagem e da Lei" (Gomes, Filho & Teixeira, 2021, p. 92), para diferenciá-lo de *autre* (pequeno outro) com a minúsculo. O grande Outro, enquanto função, é o que antecede o sujeito como lugar do significante e que, após a operação do corte simbólico, exerce a função de alteridade da linguagem, para que a criança se veja virtualmente mediante uma ilusão de autonomia, é quando ela ganha determinado contorno. É importante salientar que essa operação só é possível a partir do momento em que a criança é desejada e nomeada pelo Outro parental (Lacan, 1954-1955/1987).

Pode-se dizer que ela toma o desejo dos pais por empréstimo para poder, assim, investir libidinalmente em si. Os indivíduos só se reconhecem, então, na medida em que são reconhecidos, seja pelos pais, pela cultura, pelo grupo no qual querem se inserir, ou seja, por algum desdobrado do Outro. O que nos evidencia, já de saída, a importância do cuidado e do olhar dos pais na constituição do amor próprio da criança, já que "nunca é com seus próprios olhos que a criança se vê, mas sempre com os olhos da pessoa que a ama ou a detesta" (Chemama, 1995, p. 5).

A constituição do Eu precisa levar em consideração a sustentação necessária pela operação simbólica. Recorre-se ao complexo de Édipo que ocupa um lugar central nesse processo: o desejo da criança pela mãe e a ambiguidade em relação ao pai é resolvido pela ameaça de castração, simbolizada pela figura paterna, representante da lei e da interdição, força a criança a renunciar aos desejos incestuosos e a internalizar a figura paterna como emblema de um ideal do Eu.

Lacan (1957/1998c) retoma o complexo edípico pela tese do inconsciente estruturado como linguagem para introduzir o conceito do Nome-do-Pai, que simboliza a lei paterna e a ordem simbólica. Essa lei regula o acesso ao objeto de desejo ao instaurar uma perda de gozo e estabiliza a relação do sujeito com o Outro. A função paterna se sustenta por uma metáfora em que o significante Nome-do-pai substitui o significante do desejo materno e localiza o falo como significante da falta.

A leitura lacaniana do complexo de Édipo estabelece um ponto crucial na constituição

subjetiva ao instituir a falta inerente ao desejo humano e a condição de emergência do sujeito do inconsciente (Lacan, 1966/1998d). No grafo do desejo, é possível ler como o objeto perdido, o objeto incestuoso primordial, precisa ser investido pelo fantasma, enquanto uma construção psíquica que busca preencher essa falta por meio de um véu simbólico-imaginário. Nesse contexto, coexistem a representação idealizada do pai, I(A), que, no campo do Outro, serve como modelo de identificação para o sujeito em busca de reconhecimento, e a representação recalcada do objeto inacessível, (a), que representa o objeto de desejo, o complemento libidinal imaginário do sujeito castrado (\$).

Com a resolução do Édipo, emerge o Eu sexuado e o investimento libidinal desloca-se do próprio corpo para objetos externos, marcando uma transição do narcisismo primário para o secundário (Freud, 1914/2010c). O Eu assume a responsabilidade de equilibrar o princípio do prazer com o princípio da realidade, tendo a falta como marca constitutiva, o pai como referência e a fantasia como suporte imaginário. O Eu se torna um mediador entre as exigências de satisfação pulsional e a realidade, de modo que as pulsões sexuais agora precisam ser canalizadas de forma socialmente aceitável. O problema posto é que a satisfação das pulsões é sempre parcial, mas sua exigência é constante e não há formas de o sujeito lidar com esse paradoxo que não seja pela formação de restrições que impeçam o alcance da satisfação por meio do objeto e dos objetivos sexuais primitivos.

Freud (1905/2006b) identifica três principais barreiras que servem como diques de contenção da sexualidade infantil: a vergonha, a repugnância e a moralidade. Esses mecanismos de defesa, juntamente com o Supereu, herdeiro do Édipo, regulam a sexualidade e a moralidade do sujeito. O Supereu, como instância moral, internaliza as proibições e os ideais parentais, atuando por um processo de permanente vigia interna que pune transgressões e recompensa comportamentos considerados adequados. Além disso, com Lacan (1959-1960/1997), entende-se que a internalização do Nome-do-Pai leva à formação do Supereu como uma variação do ideal do Eu, a instância psíquica que opera como representante da lei e sua própria destruição por meio do empuxo ao gozo.

A partir destas considerações, faz-se necessário indicar alguns percalços no processo de constituição subjetiva nas psicoses. A abertura de uma crise psicótica desvela a forclusão do Nome-do-Pai e a problemática na inscrição da lei simbólica que estrutura o sujeito. O vacilo da função paterna impede a instauração da metáfora e o sujeito psicótico se encontra em uma posição de não-extração do objeto a e de submissão a um Outro totalizante, invadido pela irrupção de um real sem mediação simbólica (Lacan, 1966/1998d). Como resultado, constata-se uma desorganização do eixo imaginário de modo que o Eu não mais atua como um contorno para as pulsões e o corpo se fragmenta, com o que Lacan (1949/1998a) chamou de "as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo" (p. 100). Consequentemente, a imagem do Eu, que se constitui no estádio do espelho através da identificação com o outro e da internalização

do olhar do Outro, permanece fragmentada e instável, resultando em uma experiência de descontinuidade, desrealização e ruptura com a realidade compartilhada.

A exibição

O sujeito neurótico, a partir de uma perspectiva lacaniana, é aquele que, diante da pergunta “o que quer o Outro de mim?”, paralisa-se, interroga-se e realiza sobre si juízos e modificações a fim de estar bem posicionado no campo de desejo do Outro. No entanto, é possível observar contemporaneamente que as redes sociais como o *Instagram* se tornam fonte de exigência para os sujeitos a assumir uma posição subjetiva específica frente ao Outro: “As disputas por visualizações e likes passam a reger os laços que se organizam preponderantemente em torno da imagem, da exibição e da solicitação do olhar” (Gomes, Filho & Teixeira, 2021, p. 92).

Se a psicanálise nasce, com Freud, em uma sociedade vitoriana caracterizada pela interiorização burguesa em um modo de existir privatizado, particular e quase secreto, ela agora se encontra às voltas com uma sociedade que possui como traço marcante de seu modo de sociabilidade uma economia organizada pela exibição do gozo e não mais pelo recalque (Melman, 2008). Se para Walter Benjamin (2012) o cinema chega na modernidade e faz explodir com dinamites o mundo de prisões no qual se vivia, no contemporâneo, com os celulares e suas câmeras frontais, todos podem montar deliberadamente o próprio “filme de si”. Contudo, é possível considerar que a dimensão dialética presente no cerne dos processos de formação da autoimagem, descrita por Lacan, rege também o modo de inserção dos sujeitos nas dinâmicas das redes sociais.

Rosa (2015) argumenta que, à medida que textos, imagens e vídeos representam os usuários nas redes sociais, estabelece-se uma estética da existência no ambiente virtual, revelando dinâmicas relacionais e intersubjetivas. A estetização do self conecta os participantes e gera um processo dialético de produção subjetiva, capaz de ratificar, retificar ou propagar o conteúdo publicado. Esse modo de exibição característico das redes sociais conta com um certo gesto de espetacularização do banal e do cotidiano, na medida em que qualquer imagem ou vídeo de si mesmo é passível de compartilhamento. Uma prática que tem sido recorrente entre os usuários do *Instagram* por exemplo, é o *daily*, que é o compartilhamento diário de tudo aquilo que se passa na vida do indivíduo. Os influenciadores digitais são aqueles que por função e profissão desempenham essa tarefa de exibir-se em troca de *likes*, reações e engajamento. Seja por vocação ou pelo incentivo de empresas que buscam divulgar suas marcas, essa prática transforma tanto aqueles que se expõem quanto os que visualizam e interagem com as imagens no ciberespaço das redes em agentes essenciais na produção da subjetividade contemporânea.

Como consequência da possibilidade oferecida pelas redes sociais de, ao exibir-se, montar a si próprio, o que ocorre é um certo esvanecimento do ruído, da falha, pois não há espaço para o imperfeito, para o assimétrico. No domínio das redes, existe uma tentativa de contenção do Real que é próprio ao sujeito feita a partir de um invólucro imaginário. O que há, portanto, é uma certa

uniformidade produzida pelas redes sociais, marcada por exibições de poder, prazer, alegria e beleza, o que resulta em uma estagnação monótona. O predomínio da aparência, que paralisa e impede o desenvolvimento, característica do imaginário, torna imperativo a produção de uma sucessão interminável de imagens (Gomes, Filho & Teixeira, 2021, p. 97).

A constante exposição da autoimagem nas redes sociais atua como um mecanismo para encobrir uma ferida narcísica, na medida em que o sujeito enxerga o outro da forma como gostaria de ser visto. O desejo de exibição busca ser objeto de desejo do outro, preenchendo o vazio do desamparo, de modo que a satisfação efêmera das curtidas gera dependência por novas experiências. Ser desejado pelo outro emerge como uma tentativa de lidar com o desamparo pela demanda constante de validação e o narcisismo é reatualizado como um mecanismo defensivo contra as tensões do desamparo (Carvalho, Magalhães & Samico, 2019).

Esse entorpecimento da imagem vem acompanhado de uma dependência do “visualizar” e do “engajamento” desse Outro para a constituição de um si próprio. No entanto, essa constituição se faz marcada por uma fragilidade. O olhar do Outro do espelho, a partir da perspectiva lacaniana, incita um enigma para os indivíduos na medida em que a partir da inscrição do significante se começa a reconhecer a dimensão da falta, da lacuna, do silêncio que põe o sujeito a interrogar a si próprio diante da distância que existe entre ele e o Outro. Segundo Lacan (1964/1988), “os olhos podem muito bem não aparecer, estar mascarados. O olhar não é forçosamente a face de nosso semelhante, mas também a janela atrás da qual supomos que ele nos espia. É um ‘x’, o objeto diante do qual o sujeito se torna objeto” (p. 289).

No entanto, na dinâmica das redes sociais o que opera é um excesso dessa face semelhante que afirma ou nega radicalmente aquele que aparece com sua imagem. No espaço das redes sociais, ao invés das perguntas prevalecem as respostas. Tais respostas com relação à própria imagem, de caráter imediato, pronto, excessivo e rígido são capazes de desenvolver nos indivíduos uma espécie de dependência desse *feedback* para que se mantenha intacta a amarração imaginária de sua imagem narcísica especular. O que parece advir diante desta composição da dinâmica relacional no ciberespaço das redes sociais é, também, uma certa insuportabilidade de uma mancha na própria imagem (Lacan, 1964/1988). Exibir-se em rede nacional sem o aparato simbólico do *like* e dos comentários pode representar um perigo de dimensão desorganizadora para alguém que faz da sua vida a sua imagem.

Caso Vanessa Lopes

Vanessa Lopes é uma jovem influenciadora digital, cantora e dançarina com mais de 40 milhões de seguidores no *TikTok*, onde posta vídeos realizando suas coreografias. Vanessa gravava e postava vídeos nas redes sociais desde muito nova, apenas como uma forma de diversão. A brincadeira, porém, chamou a atenção de uma agência de influenciadores, que entrou em contato para tê-la em seu *casting*. Vanessa experimentou uma ascensão meteórica no período da pandemia

de COVID-19. Com o sucesso, a jovem influenciadora se habituou a receber críticas severas daqueles que a acompanham nas redes.

Em diversos momentos, nas suas próprias redes sociais, a influenciadora ofereceu amostras do sofrimento que o contato com as críticas lhe causava. Em um “vídeo *desabafo*” (Fofocortes, 2022), postado 2 anos antes de entrar no BBB, Vanessa alega estar exausta da demanda de “perfeição” que a política de imagem das redes sociais exige, demonstrando insatisfação pelo fato de precisar estar sempre escondendo seus “defeitos”, segundo ela, e medo por não saber se as pessoas vão amá-la ou odiá-la. Esse medo exacerbado do “cancelamento” — termo utilizado para se referir a uma espécie de linchamento virtual efetuado pelos usuários das redes sociais em resposta a algum ato ou declaração considerado inadequado pela comunidade — está presente também no discurso da influenciadora durante o tempo em que foi participante do *reality show* mais assistido do Brasil.

Vanessa Lopes vem sofrendo com a instabilidade que seus milhões de seguidores e um grande apelo popular nas plataformas digitais oferecem, seja pelo amor incondicional ou as ofensas deliberadas por não se encontrar nos ditames extremos de performance de uma influenciadora. Sua participação no programa veio como recompensa de seu sucesso dos últimos anos, mas sustentar a angústia da ausência da interação nas redes, da falta de certeza frente a expectativa do público ou mesmo do diálogo com a autoimagem travestida de comunicação pode ter sido insuportável para ela.

Em um vídeo publicado em 10 de janeiro de 2024 no *Instagram*, intitulado *Quem é Vanessa Lopes?*, o narrador inicia a resposta dizendo que a influenciadora “não é apenas uma dancinha” e, em seguida, ela traça seu histórico desde a infância, fala sobre como era tímida e que “tinha muito medo de passar vergonha” ou que alguém dissesse que “ela não era boa o suficiente” quando se refere a apresentações realizadas no seu período escolar. Sua performance melhora e ela se desenvolve exponencialmente nas danças e aparições artísticas. Em dado momento do vídeo, Vanessa diz: “eu sempre fui a artista ‘viajada’, que sentia muito tudo e criava umas *fanfics* [histórias fantasiosas] na minha cabeça”, ou seja, usando uma linguagem informal, ela se refere ao fato de vislumbrar uma vida artística desde muito cedo e criar histórias que a colocasse na concretização desse sonho. Na parte final, fala sobre o advento da pandemia e de como gravar vídeos era apenas uma forma de lazer e que não imaginava a proporção que ganharia.

Poucos dias após o início do *reality show*, Vanessa começou a manifestar comportamentos que chamaram a atenção dos telespectadores, como, por exemplo, o desenvolvimento de ideias persecutórias em que ela se figurava como o alvo de uma determinada conspiração. Essas ideias despertaram em Vanessa uma excessiva desconfiança com relação ao programa e principalmente com relação aos “*brothers*”. Chegando à crença de que o programa estava lhe enviando mensagens subliminares através de determinados sinais, ou de que os participantes queriam se aproveitar de sua fama, e até de que os integrantes da casa eram atores e que tudo que ali se passava era um

teatro encenado unicamente com o fim de prejudicá-la diante de seu público. Durante a manifestação dessas ideias de cunho delirante, Vanessa demonstrava também certa instabilidade emocional e alto nível de certeza em suas teorias.

Após 12 dias de programa, Vanessa, em um momento de fragilidade, opta por desistir de sua estadia no *reality show*. Toda essa situação promoveu a Vanessa Lopes ao estatuto de assunto mais comentado e algum tempo depois de sua desistência, o programa jornalístico da Rede Globo de televisão, *Fantástico*, a procura para a realização de uma entrevista na qual ela afirma que: "a decisão de sair foi um alívio [...] Eu não estava pronta para viver aquilo". Ao ser perguntada pela repórter se acreditava que o seu trabalho de influenciadora digital pudesse ter relação com o que aconteceu com ela no programa, ela diz que: "Com certeza. É um medo do julgamento, (...) foi que mais me pegou ali naquele momento. Tudo que eu já vivi com internet, todas opiniões e julgamentos (...) certeza foram dores minhas que vieram à tona lá dentro".

Vanessa, ao sair do programa, foi diagnosticada pelo seu psiquiatra com um "quadro psicótico agudo". Nas palavras dela, explica que "é como se minha mente rompesse com a realidade, é como se eu já não entendesse mais o que é imaginação da minha cabeça e o que é real." Atribuiu o ocorrido ao estresse de estar no programa. A entrevistadora questiona se isso já havia acontecido antes do BBB, e ela diz que não. Os pais de Vanessa relataram na entrevista que estavam em constante contato com a produção do programa e que, de início, acreditaram que as ações da filha eram "estratégias de jogo". "É muito difícil para nós, mesmo como pais, diagnosticar o que realmente estava acontecendo e quando estava acontecendo" disse o pai da jovem. Emocionado o pai conta que falou com Vanessa assim que ela saiu do programa, mas que só ouviu algumas palavras desconexas e, ao vê-los pessoalmente, a mãe diz que ela "desabou" e que percebeu que a filha estava sem saber se até eles eram reais (G1, 2024).

De acordo com a *Classificação Internacional de Doenças* - CID-10 (OMS, 2017), um quadro psicótico agudo faz parte de um "grupo heterogêneo de transtornos caracterizados pela ocorrência aguda de sintomas psicóticos tais como ideias delirantes, alucinações, perturbações das percepções e por uma desorganização maciça do comportamento normal" (s.p.). Segundo a mesma classificação, o que pode estar associado ao desencadeamento do transtorno é um estresse agudo, que precede o aparecimento dos sintomas por cerca de uma ou duas semanas. Portanto, o que caracteriza esse quadro atravessado por Vanessa ao longo do programa é um estado de desorganização, um rompimento de suas formas de estabilização. Alguns traços característicos desse estado crítico são descritos por Lobosque (2001) como uma experiência de invasão que excede o psíquico e atinge o corporal, ou seja, uma certa perda de privacidade marcada por uma exposição, um medo de algo estranho que pode advir, onde tudo fica submetido à questionamentos e desconfiança.

Vanessa, em alguns momentos críticos dentro da casa, alega sentir-se angustiada diante do medo do julgamento das pessoas que assistem ao programa, como se aquilo que sustentasse a sua

estabilidade fosse o olhar dos seus seguidores. Por perder o controle de como sua imagem estava sendo “visualizada” pelos espectadores do programa, a *influencer* desenvolve construções delirantes como uma tentativa de balizar o excesso pulsional decorrente da ausência do significante nome-do-pai, de um referencial simbólico capaz de estancar o medo de ser “cancelada” por aqueles que a olham.

A hipótese deste trabalho é pensar de que forma a experiência pública da *influencer* nos ensina sobre a função da imagem narcísica no contexto das redes sociais. Importante destacar que não visamos discutir o diagnóstico psiquiátrico ou estrutural do sujeito, mas discutir alguns apontamentos clínicos a partir do fenômeno midiaticizado. Se considerarmos que as redes sociais digitais desempenham um importante papel na construção do eixo imaginário entre o Eu e o outro, o embasamento teórico do estádio do espelho se justifica na medida em que Lacan (1949/1998a) afirma que a constituição do Eu é equivalente a “uma estrutura ontológica do mundo humano que se insere em nossas reflexões sobre o conhecimento paranoico” (p. 97).

Em seu livro *Lógica do delírio*, Jean-Claude Maleval (2011) nomeia cada fase do encadeamento lógico do delírio como: deslocalização do gozo e perplexidade angustiada; tentativa de significantização do gozo do Outro; identificação do gozo do Outro; consentimento ao gozo do Outro. Assumindo que tais denominações são ainda limitadoras, Maleval designa estas fases como P0, P1, P2 e P3. Em P0, o indivíduo psicotizado constata uma perturbação na ordenação do mundo exterior e, com isso, é tomado por uma angústia que corresponde à abertura de uma falha no campo do simbólico. Em decorrência da falta do significante nome-do-pai então revelada, o que se verifica é o desencadeamento do significante e a deslocalização do gozo (Maleval, 2011).

Na fase P1, a fim de remediar esta falha simbólica no mundo, um enorme aparato significante é mobilizado pelo paranoico. É a partir disto que Lacan desenvolve a noção de metáfora delirante para referir-se a este processo substitutivo que se dá no campo linguístico. Ou seja, se em P0, havia um furo no simbólico que pode representar no imaginário reverberações de diferentes tipos, em P1 os significantes do delírio se mobilizam com o intuito de suturar este furo. Para o sujeito, então, o delírio é a tentativa de elaborar uma construção que visa completar o Outro que se apresenta com uma falha substancial, tal elaboração constitui-se quase sempre como uma invenção revolucionária, uma nova fórmula matemática, ou algum achado intuitivo (Maleval, 2011).

Esta fase corresponde ao momento em que Vanessa, por exemplo, compreende tudo a partir da certeza inabalável de que todos os outros integrantes da casa eram, na verdade, atores e atrizes. Em nome de suas certezas, o sujeito pode se engajar ruidosamente na denúncia dos falsos princípios e, para afirmar os seus próprios, pode chegar a extremos (Maleval, 2011). No entanto, não são todos os indivíduos psicotizados que chegam a fase P2, que se caracteriza por ser o período no qual o delírio se sutura e se organiza em uma montagem bem consolidada, fazendo com que o gozo, outrora invasivo e perturbador da ordem do mundo seja agora localizado no campo do Outro.

O paranoico é um racional, um aristotélico, um leitor de signos que superinterpreta na tentativa de “reformular” a própria imagem que a experiência de desamparo faz despedaçar. Sem o lugar de reconhecimento imaginário via redes sociais, o outro pode se tornar invasivo para o sujeito sem que ele seja psicótico. No caso, Vanessa começou a reconhecer-se em todos os lugares e em todos os sinais que recebia dos demais participantes, pois já não poderia mais se visualizar no olhar de seus seguidores, que estão privados de lhe dar notícias dela própria. Dentro da casa e sem acesso à internet, com a perda de um referencial que lhe devolvesse sua própria imagem, como os comentários, as curtidas, as reações presentes nas redes, a imagem especular narcísica perde consistência e o sujeito se depara com uma experiência de perda de si.

Uma das enunciações de Freud (1914/2010c) sobre a diferença entre sublimação e idealização pode ser localizada no ideal de Eu e o movimento amoroso que se constitui na formação subjetiva com o Eu ideal. Aqui, apresenta-se o tensionamento formador desta distinção: o abandono da “perfeição narcísica da infância” (p. 27) e o processo de negação desse momento que deságua na formação das projeções que já incluem a interdição paterna. Dada a cisão estabelecida, reflete-se sobre o sofisticado conceito de sublimação apresentado em relação ao conceito de idealização.

A sublimação é um processo atinente à libido objetal e consiste em que [a pulsão] se lança a outra meta, distante da satisfação sexual; a ênfase recai no afastamento ante o que é sexual. A idealização é um processo envolvendo o objeto, mediante o qual este é aumentado e psiquicamente elevado sem que haja transformação de sua natureza. A idealização é possível no âmbito da libido do Eu e no da libido objetal. De modo que a superestimação sexual do objeto, por exemplo, é uma idealização dele. Na medida, portanto, em que a sublimação descreve algo que sucede ao instinto, e a idealização, algo que diz respeito ao objeto, devemos separá-las conceitualmente (Freud, 1914/2010c, p. 28).

A capacidade sublimatória é o meio de viabilização, dentre muitos pontos, da relação do indivíduo com a sociedade de modo a lançar-se para além de si e conceber uma existência circunscrita para fora da satisfação sexual. Este, portanto, é o aporte psicanalítico para desenvolver seu pensamento sobre as psicopatologias provenientes do mal amadurecimento psicosssexual infantil. Em psicanálise, dadas as controvérsias quanto a relação do desenvolvimento com o tempo cronológico, é razoável afirmar que a formulação freudiana do assunto parte de uma concepção narcísica, centrada no bebê que está constituindo-se subjetivamente para a assimilação do Édipo e a formação da pulsão de saber. Dessa forma, há nesse processo o refinamento da relação sujeito-objeto, a fragmentação autoerótica dá lugar a um entendimento mais sóbrio quanto às múltiplas dimensões do objeto, sejam elas físicas, psíquicas ou sociais. O ponto a se destacar é que, dada a

sublimação, o sujeito dialoga com mais propriedade e maturidade simbólica com os objetos.

Em contrapartida, o conceito de idealização traz à tona a possibilidade dessa relação objetal ser psiquicamente afetada, justamente, na interpretação aumentada do objeto – o qual passa por esse processo de instabilidade como se o indivíduo estivesse lançando mão de um artefato ótico no seu aparato psíquico e visse os objetos de maneira alterada. Não se trata de um aumento na natureza do objeto, mas sim do vínculo estabelecido pelo sujeito e o ver não corresponde propriamente ao ato orgânico de enxergar. Dada essa percepção, cabe uma associação com o desenvolvimento teórico da concepção do estágio do espelho em três instantes, de modo que o estranhamento da própria imagem, a fase da transitoriedade e, por fim, o reconhecimento do reflexo de si fornecem esse processo de distorção até uma concepção mais contornada através do espelho ou de um semelhante. (Scarano & Pertile, 2022)

Lacan (1949/1998a), em sua enunciação do conceito, afirma:

[...] o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação — e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica— e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (Lacan, 1949/1998a, p. 100)

É, portanto, nessa relação metafórica que Lacan estabelece o processo de constituição subjetiva. Aqui, observa-se, principalmente, a dinâmica de formação do dito bebê que, “sem forma”, apresenta-se perante o espelho e gradativamente junta-se com o apoio da autoimagem e o suporte narcísico dos seus semelhantes. O Eu se constitui como outro. Deve-se sublinhar, ainda, que neste eixo imaginário, a formação do Eu ideal tem consequências na medida em que o sujeito fixa na imagem do outro um desejo despedaçado: “O seu desejo, ao contrário, não está constituído. O que o sujeito encontra no outro é inicialmente uma série de planos ambivalentes, de alienações do seu desejo - de um desejo ainda em pedaços.” (Lacan, 1953-1954/2009, p. 173).

No contexto contemporâneo, no qual as mídias digitais dão o tom dos relacionamentos interpessoais, tais conceitos são fundamentais para um entendimento do modo vivido atualmente. As redes sociais têm ocupado cada vez mais espaço nos dias dos seus usuários e, não só no sentido temporal, mas no significado frente ao papel ocupado no imaginário popular. Antes, o entendimento das redes como ambientes de encontro, de compartilhamentos de fatos isolados da vida ou até de entretenimento era muito mais restrito e secundário. Aplicativos, postagens, curtidas e comentários eram estritamente acessórios diante de uma vida cotidiana de trabalho, estudos, lazer pautada na presença majoritariamente física diante dos outros.

Com o crescimento dessas redes sociais combinados com períodos de intensa instabilidade

emocional, como a pandemia do Covid-19, o vínculo usuário-rede sofreu impactos consideráveis. Além disso, a proposta em si desses dispositivos colaboram para esse processo, pois é no *Instagram*, por exemplo, que as pessoas possuem cada vez mais meios de serem fidelizadas. Explora-se vídeos curtos, enxurradas de estímulos visuais e auditivos, uma completa imersão, além da própria dinâmica implícita de que “todos” estão logados e não estar lá significa não fazer parte do mundo.

Há uma espécie de embaçamento dessa relação dos usuários com esses meios, de modo que um processo de idealização facilmente é observado nessa disposição. Segundo Rodrigues, Silveira e Correa (2020), “a dinâmica do Instagram pode conduzir o sujeito a acreditar que só é possível reconhecer-se nas redes sociais reproduzindo aquilo que é veiculado e midiaticado por seus pares, pois caso não seja assim, provavelmente ele não será aceito...” (p. 141), ou seja, existe uma proximidade com a ideia desenvolvida sobre o estágio do espelho. Aqui, as redes sociais tornam-se esse espelho que molda o usuário desde um processo de fragmentação e, principalmente, de inconsistência quanto ao que verdadeiramente representa esse espaço pautado na vida que os outros apresentam nessas mídias como se fossem a totalidade de suas experiências. A falta de materialidade do diálogo entre o influenciador e seus seguidores prova tal afirmação quando ele se comunica com milhões, mas o que se vê é a própria imagem refletida na câmera do celular e não se têm propriedade quanto ao impacto no outro e, muitas vezes, nem em si.

Os parâmetros são os comentários, cancelamentos ou a idolatria dos seguidores, mesmo assim não existe consistência simbólica em uma sequência de textos escritos com fotos em comparação com a realidade cotidiana que impõe um alcance e uma relação objetual muito mais contornada. Santos e Vieira (2023) afirmam que a relação imaginária corresponde a uma conjuntura subjetiva que situa o eu como um outro, caracterizada fundamentalmente por uma relação dual e imediata, na qual há uma tendência à igualdade entre ambos e onde a incidência do diferente se mostra perturbadora para o reconhecimento e a sustentação da imagem própria. Os autores argumentam que a ordenação simbólica da própria subjetividade e a distinção entre os termos ocorrem a partir da inscrição de um terceiro termo, o qual opera um corte nessa relação e circunscreve a instância real da linguagem como alteridade.

A concepção de si só acontece a partir da experiência de seu semelhante, ou seja, o sujeito se constitui daquilo que ele é para os outros. Dessa forma, a consciência de si mesmo só pode se realizar a partir do outro, em uma relação de ambiguidade e ambivalência. A comparação é formadora do Eu, porém há uma aplicação contemporânea para esse conceito, de modo que as redes sociais podem ocupar esse novo lugar social. As relações online, por mais que sejam estabelecidas entre humanos, não se materializam corporalmente a priori, o que se tem é uma composição estabelecida por fotos, vídeos e interações diversas que ocupam a posição do outro que se apresenta como um semelhante difuso, justamente por mostrar como um todo aquilo que traduz apenas uma parte de sua vida ou mesmo a construção de uma persona virtual que não

condiz com a realidade por trás do perfil.

Este fenômeno nos permite avançar na hipótese de que a dinâmica imaginária predominante nas redes sociais fomenta uma tentativa de reduzir o Outro, em sua dimensão de alteridade radical, isto é, o Outro barrado [S(A), no grafo do desejo], ao outro como imagem especular, buscando uma certeza ilusória de autoafirmação. Essa tentativa de aplanar a alteridade do Outro, essencial para a constituição do sujeito, pode acarretar uma fragilização da própria estrutura simbólica no nível da linguagem. Consequentemente, essa fragilização simbólica desestabiliza o registro imaginário, que, em sua essência, depende da ancoragem no simbólico para manter uma relativa coerência. Logo, a precarização simbólica é causadora de sofrimento já que esse outro, por sua vez, é frágil e não se sustenta como imitável.

De igual modo, a cisão estabelecida pela rivalidade entre o sujeito e o outro, a qual se faz necessária no processo de identificação e diferenciação, também se manifesta de maneira difusa frente a influência das redes sociais. O movimento de pôr em xeque o outro frente a disputa do objeto desejante torna-se mais abstrato no ambiente digital, pois, por mais que aparentemente haja um antagonismo constante, uma espécie de culto às opiniões, há também uma experiência atrofiada, restrita ao que foi estipulado pelas diretrizes e mecanismos de funcionamento das plataformas. O sujeito que cinde é o mesmo que se associa indistintamente à dinâmica posta em uma tentativa de permanência nesse mundo. É constatável, por exemplo, a vida do *influencer* que restringe sua experiência psíquica nas redes sociais e vê-se desamparado quando perde o referencial da correspondência específica dos fãs e *haters*. A tendência agressiva observada nas redes sociais parece corroborar a compreensão lacaniana de que as intenções imaginárias do discurso se manifestam, notadamente, diante do desmonte do objeto ao qual o sujeito se agarrava (Lacan, 1953/1998b).

Concomitantemente a esse processo, acontece também uma espécie de falência sublimatória já que a realidade se torna o que está enquadrado na rede social, ou seja, a cronologia das postagens é a cronologia da vida, as emoções e demonstrações afetivas são as comunicadas nos stories e a manutenção dos relacionamentos dependem das curtidas, mensagens e outras interações disponíveis. Sua Majestade o bebê (Freud, 1914/2010c, p. 25) agora tem como sustentador desse narcisismo fora de hora a rede que mantém o sujeito envolto a libido do Eu através das dualidades amor ou ódio, orgulho ou desprezo; tudo lançado no indivíduo vedando a capacidade de suplantar a satisfação narcísica. Quando o lugar de reconhecimento imaginário falha, o Outro torna-se invasivo e o sujeito encontra-se desamparado, independente da estrutura clínica.

Considerações finais

O presente artigo explorou a relação entre o avanço das redes sociais e seu papel formador da imagem narcísica baseada, a partir de uma leitura psicanalítica. Com o avanço discrepante das mídias digitais e o processo de fidelização de jovens, mas também crianças e adultos, a essas

plataformas, faz-se urgente avaliar os impactos dessas redes e suas demandas perante a posição subjetiva de seus usuários. Estes experienciam uma reedição do estádio do espelho diante de seus dispositivos móveis experimentando o encontro com o desamparo, a exibição neurótica, além dos fenômenos de idealização e perda da capacidade sublimatória.

Não há possibilidade de pensar os acontecimentos contemporâneos sem incluir a tecnologia e, mais especificamente, as redes sociais nos esforços de leitura e análise dos acontecimentos. O mundo atual é consideravelmente influenciado pela disposição das informações, as interações entre usuários e o senso de veracidade e realidade que é atribuído aos vídeos, fotos, comentários, etc. Ademais, a formação do Eu e sua relação com o Outro ganha, dessa forma, novos contornos fundamentais.

O artigo ressalta o cenário de exibição sustentado pelo protagonismo dado pelas redes a imagem e o contexto de conflito pelos perfis mais engajados, as fotos mais curtidas, os vídeos mais comentados. Mostrar-se é o imperativo contemporâneo dessas plataformas. Além disso, enuncia-se a falência da sublimação diante de uma relação que não se ampara em um semelhante robusto, mas sim em seguidores diversos, interações “sem rosto” que tornam a formação subjetiva um processo tortuoso e inconsistente dando vazão a idealização conforme descreveu Freud (1914/2010c).

O caso da *influencer* Vanessa Lopes e seu episódio psicótico no principal *reality show* da televisão brasileira, paradoxalmente conhecido como “a casa mais vigiada do Brasil”, exemplifica os objetivos sustentados nesse artigo. A ausência estabilizadora da própria imagem refletida da câmera do próprio celular e uma relação de validação constante podem ser deveras inquietante psiquicamente no tempo presente. Por mais que repleta de monitoramento televisionado constante, sem tal suporte a permanência da jovem no programa foi impossível.

A ascensão meteórica que a fez ser reconhecidamente convidada para o BBB, não foi suficiente para convencê-la de que o público permaneceria fiel e interessado na sua vida, o que evidencia a fragilidade desse laço estreitado. A exibição sem o princípio regulador do retorno imediato dos seguidores possibilitando possíveis correções de nada serve, ou seja, aparecer não é suficiente se não houver o suporte subjetivo desse Outro.

Por fim, urge a necessidade de avaliações mais aprofundadas de outros casos clínicos e do desenvolvimento de novas produções acadêmicas que centralizem a influência das redes sociais na formação subjetiva e em outras áreas da psicologia humana.

Notas:

1. Este artigo resultado de Projeto de Ensino de Iniciação à Escrita Científica, orientado pelo Prof. Dr. Maycon Rodrigo da Silveira Torres e escrito em coautoria com os discentes Daniel Oliveira de Farias e Matheus de Souza Silva. O projeto teve por objetivo introduzir os discentes no campo de pesquisa em Psicanálise e foi iniciado em paralelo ao projeto de

monitoria da disciplina Psicologia Clínica I, que tem por ementa o ensino do psicanalista francês Jacques Lacan.

Referências Bibliográficas

- Benjamin, W. (2012) A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (pp. 165-196). São Paulo: Brasiliense.
- Carvalho, J. P., Magalhães, P. M., & Samico, F. C. (2019). Instagram, narcisismo e desamparo: um olhar psicanalítico sobre a exposição da autoimagem no mundo virtual. *Revista Mosaico*, 10(2), 87-93. <https://doi.org/10.21727/rm.v10i2.1836>
- Chemama, R. (1995). *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Flesler, A. (2011). As intervenções do analista na análise de uma criança. *Rev. Assoc. Psicanal.* Porto Alegre, 40, 18-30. Recuperado de <https://www.appoa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista40-1.pdf#page=16>
- Fofocortes. (2022, maio 31). Vanessa Lopes faz desabafo no seu canal [Vídeo]. *Youtube*. <https://youtu.be/epYh7DHSsDM?si=7HQx1EWBgtw5AE80>
- Freud, S. (2006a). Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana. In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, v. VI (pp. 13-310). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1901).
- Freud, S. (2006b). Três ensaios sobre a sexualidade. In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, v. VII (pp. 123-246). (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2006c). O ego e o id. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Volume XIX (pp. 13-86). Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2010a). Observações Psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O Caso Schreber"). In *Obras Completas Volume 10* (pp. 13-86). São Paulo: Editora Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911).
- Freud, S. (2010b). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In *Obras Completas Volume 10* (pp. 49-154). São Paulo: Editora Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911).
- Freud, S. (2010c). Introdução ao narcisismo. In *Obras completas volume 12* (pp. 81-118). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- G1. (2024, fevereiro 19). Vanessa Lopes fala pela 1ª vez sobre sua desistência do Big Brother Brasil / FANTÁSTICO [Vídeo]. Recuperado de https://youtu.be/frmlZgrymvs?si=GPL0sL8bYPILA_UL
- Gomes, A. C. D. C., Pedrosa Filho, R. B. D. A., & Teixeira, L. C. (2021). Nem ver, nem olhar: visualizar! sobre a exibição dos adolescentes nas redes sociais. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 24(1), 91-99. <https://doi.org/10.1590/1809-44142021001011>

- Konizets, R. (2014). *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso.
- Lacan, J. (1987). *O Seminário, livro 2: O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1954-1955).
- Lacan, J. (1988). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1997). *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960).
- Lacan J. (1998a). O estágio do espelho como formador da função do Eu tal como nos é revelado na experiência psicanalítica. In *Escritos* (p. 96-104). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1949)
- Lacan, J. (1998b). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos* (pp. 238-325). Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1953).
- Lacan, J. (1998c). A significação do falo. In *Escritos* (pp. 685-695). Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1957).
- Lacan, J. (1998d). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In *Escritos* (pp. 807-842). Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (2009). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954).
- Lobosque, A. M. (2001). *Experiências da Loucura*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Lopes, V. [@vanessalopesr_]. (2024, janeiro 10). Pasmem: não é só uma dancinha. [Vídeo]. *Instagram*. Recuperado de <https://www.instagram.com/reel/C17mC61vYp2/?igsh=aXE2emtxM2J6M2d3>
- Maleval, J.-C. (2011). *Logique du délire*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- Melman, C. (2008). *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Office of Communications – Ofcom. (2023). *Children and Parents: media use and attitudes*. Recuperado de <https://www.ofcom.org.uk/research-and-data/media-literacy-research/childrens/children-and-parents-media-use-and-attitudes-report-2024>
- Organização Mundial da Saúde – OMS. (2017). *CID-10: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*. São Paulo: EDUSP.
- Pereira, R. M., & Tokuda, A. M. P. (2017). O amadurecimento emocional e o falso self: Discutindo a autoexposição nas redes sociais. *Revista Conexão Eletrônica*, 14(1). Recuperado de <https://revistaconexao.aems.edu.br/wp-content/plugins/download-attachments/includes/download.php?id=146>
- Quinet, A. (2012). *Os Outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Rodrigues, A. P. G., Silveira, L. R., & Correa, C. A. (2020). Internet, narcisismo e subjetividade: reflexões sobre a constituição do sujeito na/pela rede social. *Psicanálise & Barroco em*

Revista, 18(1), 132–150. Recuperado de <https://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/10337>

Rosa, G. A. M. (2015) Estetização do self e elaboração psíquica: repercussões das redes sociais na subjetividade. *Academia Paulista de Psicologia*, 35(89), 424-440.

Santos, C. D. M. S., & Vieira, M. A. (2023). Linguagem, alteridade e contemporaneidade: que suportes para subjetivações da pandemia?. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 13(1), 134-146. Recuperado de <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/3101>

Scarano, R. C. V., & Pertile, G. H. (2022). A questão da identificação em O estágio do espelho e sua relação com a alteridade em Jacques Lacan. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 10(19), 1–21. <http://www.seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/3893>

We Are Social e HootSuite – Digital 2022 [Resumo e Relatório Completo]: Digital 2021: *Os Mais Recentes Insights Sobre O 'mundo Do Digital'*. Brasil: Amper. Recuperado de <https://www.amper.ag/post/we-are-social-e-hootsuite-digital-2022-resumo-e-relatorio-completo>

Citação/Citation: Torres, M. R. da S., Farias, D. O. & Silva, M. de S. (nov. 2024 a abr. 2025). A imagem narcísica especular nas redes sociais: um estudo de caso. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 20(39), 133-152. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2025v20n39p133-152

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/Received: 01/06/2024 / 06/01/2024.

Aceito/Accepted: 01/04/2025 / 04/01/2025.

Copyright: © 2025. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.